

A EUROPA EM BUSCA DE SI PRÓPRIA

Pedro Vaz Patto

A União Europeia confronta-se hoje com dificuldades e desafios sem paralelo na sua história. Forças partidárias que lhe são adversas têm uma cada vez maior expressão eleitoral em muitos países (viu-se isso nas recentes eleições presidenciais austríacas). A importância deste momento crítico levou o Papa Francisco, de acordo com as suas próprias palavras, a aceitar, contra o que é o seu hábito em relação a este tipo de homenagens, o Prémio Carlos Magno, um prémio em reconhecimento do seu contributo para a promoção do ideal da unidade europeia.

Disse o Papa nessa ocasião:

«As raízes dos nossos povos, as raízes da Europa foram-se consolidando no decurso da sua história, aprendendo a integrar, em sínteses sempre novas, as culturas mais diversas e sem aparente ligação entre elas. A identidade europeia é, e sempre foi, uma identidade dinâmica e multicultural.

Com efeito, o que caracteriza o rosto da Europa não é contrapor-se aos outros, mas trazer impressos os traços de várias culturas e a beleza de vencer os confinamentos».

Perante este discurso, perante a afirmação da identidade europeia como «dinâmica e multicultural» e o apelo vibrante à capacidade de integrar e de dialogar, houve quem considerasse este discurso (uns para o aplaudir, outros para o criticar) como um virar de página em relação ao magistério dos Papas precedentes, São João Paulo II e Bento XVI, que tanto sublinharam a importância das raízes cristãs da cultura europeia e lamentaram a ausência da menção a essas raízes no Tratado Constitucional europeu.

O Papa Francisco esclareceu a questão pouco tempo depois, numa entrevista ao jornal francês *La Croix*. Nela ele reafirma as raízes cristãs da cultura europeia, dizendo, porém, rejeitar o tom triunfalista e vingativo com que, por vezes, se acentuam essas raízes (não era assim com São João Paulo II – disse também). E acrescentou: «O dever do cristianismo para com a Europa é o serviço», à imagem do gesto de Jesus de lavar os pés aos seus discípulos.

Compreende-se que, num contexto em que a identidade cristã europeia é invocada (até por alguns governos da Europa central e oriental) para rejeitar o acolhimento de refugiados de

religião muçulmana, o Papa Francisco tenha considerado mais oportuno salientar, naquele discurso, a abertura ao diálogo como marca da identidade cultural europeia.

No entanto, não estamos perante duas realidades antagónicas. Ser fiel às raízes cristãs da cultura europeia não significa rejeitar o acolhimento de pessoas de outras religiões, ou a abertura ao diálogo com pessoas de outras religiões ou convicções. Pelo contrário, a identidade cristã traduz-se no amor universal, um amor que não faz acepção de pessoas e que ultrapassa todas as barreiras, vai para além da família, da tribo, da etnia, da nação e até dos amigos (está aqui a "novidade" do cristianismo, "novidade" de ontem, na Antiguidade, e de hoje). A melhor forma de afirmar a nossa identidade cristã é dar testemunho do Evangelho: «*Pelas obras te mostrarei a minha fé*» – diz a carta de São Tiago. O cristianismo não pode reduzir-se a uma marca identitária puramente externa (igrejas e crucifixos a ilustrar a paisagem) desprovida da sua substância mais profunda (seria reduzir as igrejas a museus, vazios de pessoas e de fé, pedras mortas, e não pedras vivas).

Em suma, uma Europa fiel às suas raízes cristãs é uma Europa que acolhe e não exclui os não cristãos.

Enfrentar a crise da Europa não depende apenas de decisões políticas. A coesão da Europa não se constrói senão em torno de valores comuns (aquilo a que já se chamou a "alma" da Europa), vividos com autenticidade, para além da retórica. O acolhimento dos refugiados é um desafio para a Europa, «pátria dos direitos humanos» (expressão que também o Papa Francisco usou quando se deslocou à ilha grega de Lesbos).

Nesta linha, movimentos cristãos de várias denominações congregados na iniciativa *Juntos pela Europa* voltam a reunir-se num evento internacional, desta vez em Munique, de 29 de junho a 2 de julho. Querem testemunhar a unidade entre eles quando se aproxima a efeméride dos quinhentos anos da reforma luterana (superar esta divisão histórica é também um contributo para a unidade europeia). E querem dar o seu contributo como cristãos (as tais "pedras vivas" que são mais do que relíquias do passado ou peças de museu) para dar uma "alma" a esta Europa ainda em busca de si própria. ●